

CONFLITOS ENTRE FÉ E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:

embates entre o pesquisador e a pesquisa

Adille Rigoni Massimini¹

Entender o espaço que os pesquisadores ocupam em suas pesquisas pode ser um processo desafiador e que envolve diversos aspectos, entre eles, a relação existente entre o pesquisador e seu objeto de estudo, assim como os pontos de proximidade e distanciamento entre eles. Pensando nisso, o presente trabalho busca compreender o espaço que ocupo em minha pesquisa, uma vez que faço parte do meu objeto de estudo.

Enquanto pesquisadora, mais do que observar um objeto – neste caso, os discursos de resistência existentes em grupos feministas mórmons estadunidenses, presentes no Facebook – também mantenho uma relação próxima deste, penso que esse pode ser um dos maiores desafios da minha pesquisa. Sendo assim, esse trabalho busca entender os benefícios e também as dificuldades que ser uma pesquisadora mórmon, feminista, brasileira e inserida em um contexto latino-americano, podem trazer para o desenvolvimento da minha pesquisa. Para isso, seguindo Donna Haraway (1995), é preciso que eu localize o saber – não só aquele que estou produzindo, mas também o saber presente em todo o material utilizado para desenvolver a pesquisa.

Judith Butler (2019) ressalta que

“Não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático. (BUTLER, 2019, p.18)

Uma vez que a condição social “mórmon” tem um impacto direto no meu estudo, ainda que não o torne inválido, a discussão se faz importante. Donna Haraway (1995, p.30) se posiciona “a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de

¹ Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda (ESPM-SP), especialização em História Judaica (PUC-SP) e mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Tem como foco de sua pesquisa comunicação, consumo, religião e questões de gênero. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: dillirigoni.massimini@gmail.com

conhecimento racional.” Portanto, para a autora, em determinados estudos é importante que exista uma parcialidade, de forma que isso permitiria termos uma visão a partir da vida de uma pessoa e, principalmente “a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo” (HARAWAY, 1995, p.30).

Judith Butler (2019, p.45) ainda reforça que “o ‘eu’ não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas”. Porém, ainda que o “eu” seja importante para esta discussão, o “outro” exerce um papel fundamental, de forma que, além de ser o sujeito-objeto de estudo, não o conhecemos e não temos condições de entendê-lo completamente (BUTLER, 2019).

A partir desses conceitos de Judith Butler (2019) e Donna Haraway (1995), apoiadas por outras autoras como Claudia Bushman (2020) e Marcella Bohórquez-Castellanos (2019), proponho uma discussão sobre os pontos de proximidade e distanciamento que tenho, enquanto autora, com meu objeto de estudo. Estudar um objeto do qual faço parte, me coloca em um espaço de contribuição com a pesquisa, de forma que esta assume o status de um relato de si. Portanto, todas as experiências espirituais que vivi dentro da Igreja, enquanto mórmon, devem fazer parte da análise. Porém, isso me coloca diante de um novo desafio, que é entender o que deve ser compartilhado, uma vez que determinados rituais são considerados sagrados e, de acordo com as regras dessa denominação religiosa, não podem ser comentados fora de certos espaços religiosos. Por isso, é importante que o respeito com o objeto seja mantido, acima de tudo, para que não sejam compartilhadas informações “restritas” sem que haja real necessidade.

Esse processo de narrar a mim mesma, ao mesmo tempo que escancara vulnerabilidades, me permite participar constantemente de uma experiência etnográfica, e é, principalmente, um exercício de autorreflexão, que balança diversas estruturas e faz com que outras se solidifiquem.

Palavras-chave: Mórmons, Feminismo, Comunicação, Saberes Localizados, Epistemologia.

Referências

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. A Família: Proclamação ao Mundo. Salt Lake City, Utah, 1995.

BOHÓRQUEZ-CASTELLANOS, Marcela. *Brujas contemporâneas: entre mundos y devenires espirituales.* Nómadas, Bogotá, n. 50, p. 137-153, Junho 2019. Disponível em:



Dissonâncias do contemporâneo:
Espaços e (des)construção de saberes

Período de submissão dos resumos:
30 de Novembro de 2020
até 15 de Janeiro de 2021



http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502019000100137&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 de Outubro de 2020.

<http://dx.doi.org/10.30578/nomadas.n50a9>.

BUSHMAN, Claudia L. *Mormon Feminism After 1970*. In: PETREY, Taylor G.; HOYT, Amy (org.). *The Routledge Handbook of Mormonism and Gender*. New York, NY: Routledge, p. 157-168, 2020.

BUTLER, Judith. *Relatar A Si Mesmo: Crítica da Violência Ética*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos pagu*, vol. 5, p. 7-41, 1995.